

Manobras da 3.^a Região Militar

O SERVIÇO DE INTENDÊNCIA

Pelo Cap. JOSÉ SALLES

O autor dêste trabalho, ao par de seus pontos de vista pessoais quanto a questão do abastecimento á tropa, apresenta uma interessante exposição sôbre a organização e o funcionamento do S. I. durante as manobras da 3.^a Região Militar

"A Defesa Nacional" sente-se feliz tôda vez que pode apresentar aos seus leitores artigos como êste, em que há o relato de um "fato realizado com êxito".

Para alcançar êste resultado na execução, é necessário cultura especializada, estudo acurado e preparação muito cuidadosa. Foi por isto, justamente, que foi pequena a distância a vencer da "teoria á prática".

Sempre foi grande a preocupação, principalmente entre nós, tôdas as vezes em que se cogita de deslocar grandes efetivos militares, o problema do abastecimento da tropa, problema êste cuja importância nunca deixou de ser posta em evidência, não sómente nas diversas Escolas do ensino militar, como também nas reuniões de instrução dos quadros, nos corpos, e nos compêndios nacionais e estrangeiros e isto por ser êle um fator dos mais importantes, para a própria vida das massas de tropa que se movimentam. E' uma questão que sempre mereceu, através de todos os tempos, como nô-lo diz a história militar de tôdas as campanhas, a atenção de todos os grandes Chefes; e continuará sempre sendo objeto, quaisquer que sejam o progresso e a evolução do material ou dos processos de combate, dos mais acurados estudos em tôdas as boas organizações militares porque, sendo o abastecimento o elemento vital dos Exércitos, que sem êle não poderão manter as energias físicas (capacidade de resistência para as lutas) e morais (capacidade de ânimo para vencê-las), são por isso mesmo fatores indispensáveis á existência da coesão e da disciplina, como sempre o têm afirmado os grandes Mestres da arte militar.

Não é bastante, porém, que se paire unicamente pelos domínios da teoria, estabelecendo regras para a solução de problemas tão complexos, como são os que se apresentam

quando se trata de prover grandes efetivos; não são suficientes as soluções teóricas apresentadas em trabalhos sobre a carta (temas de Grandes Unidades, onde são levados em conta todos os órgãos dos Serviços), que nos dão somente a **idéia geral** sem apresentar os **incidentes** surgidos por força de fatores vários que só podem sair do **natural**, isto é, dos casos realmente vividos.

Daí à **prática** há uma grande distância a vencer; e para isso há, quasi sempre, falta de coragem que a timidez natural, motivada pela carência dos meios materiais, pela impossibilidade de se aplicar mais a meudo, no terreno, os temas estudados e pelo receio do fracasso, estimula, tornando assim relativamente lentos os progressos que vão sendo obtidos. Há o receio das responsabilidades, causado por uma legislação que só os técnicos conhecem mais profundamente, a qual, sendo embora complexa, apenas visa salvaguardar os interesses da fazenda pública e não servir de obstáculo aos empreendimentos, com especialidade áqueles que tem por finalidade melhorar sempre e cada vez mais o mecanismo de defesa da Pátria. São fatores que precisam ser vencidos principalmente por uma educação psicológica capaz de eliminar, tanto quanto possível, os prejulgamentos apressados, a descrença, o desânimo, o comodismo, etc. para estabelecer um clima de **atividade intensa** não pela preocupação de **cumprir o dever porque este deva ser cumprido**, mas sim pela outra bem mais elevada de achar que até mesmo o **excesso de trabalho** dedicado ao seu cumprimento é a **coisa mais natural do mundo**, isto é, **formar uma convicção** pelos objetivos que devem ser alcançados, capaz de não **deixar dúvidas** quanto ao **sucesso** dos empreendimentos feitos para esse fim, fazendo com que predomine em todos os escalões a **confiança**, tanto para os grãos superiores como para os subordinados.

Sempre foi grande, pois, a preocupação, repitamos, quando se trata do deslocamento de grandes efetivos, a respeito da solução dos problemas do abastecimento à tropa, especialmente no que se refere à alimentação que tem sido o grande receio dos quadros; o medo de **passar fome** sempre foi, nessas ocasiões, o seu grande espantinho e principalmente para todos aqueles que relegam para um plano secundário o conhecimento e aplicação, mesmo sumários, das regras de sua organização e do seu funcionamento.

*

*

*

Manobras da 3ª Região Militar

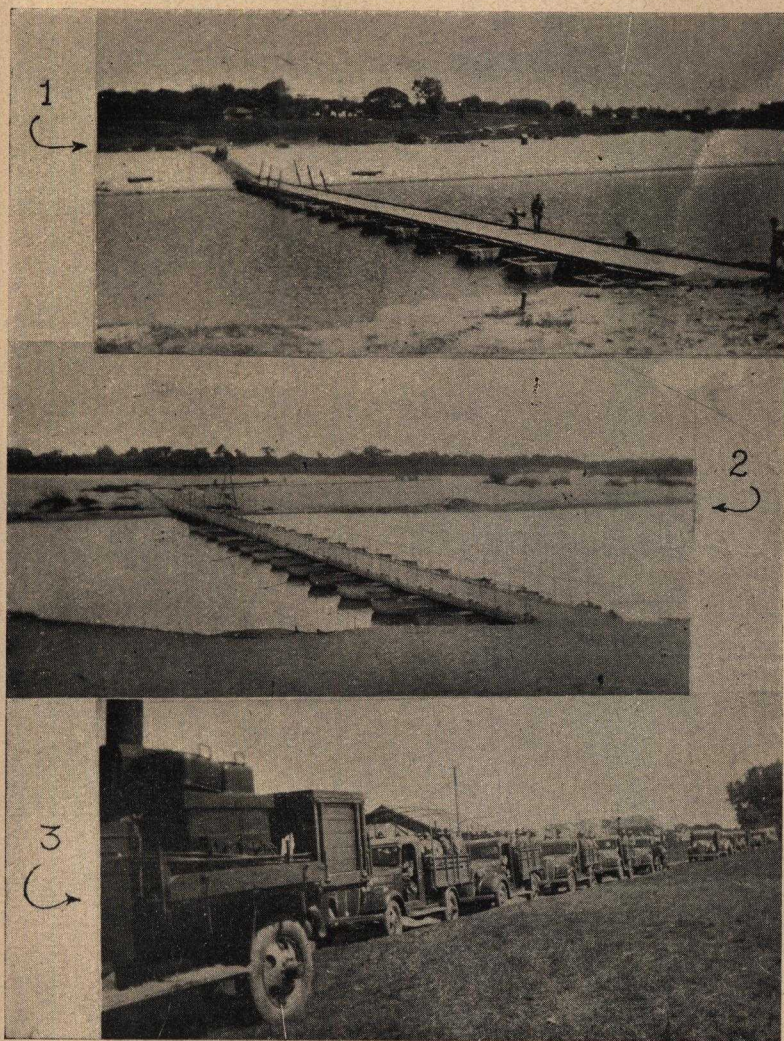


Fig. 1 — Ponte de barcos, no Passo de Sta. Maria, próximo de ROSÁRIO. Fig. 2 — Ponte de barcos no Passo de S. Simão. Fig. 3 — Regimento de Cavalaria Transportada em marcha. Fig. 4 — T. G. D. em REMANSO Fig. 5 — Acampamento do Q. G. (Direção da Manobra). Fig. 6 — “Ponte Gen. Leitão de Carvalho”, em AZEVEDO SODRE’, construída pelo Major Diogo Brochado da Rocha. Fig. 7 — Túmulo do Barão do Sêro Largo. Campo da Batalha de “Ituzaingó”.

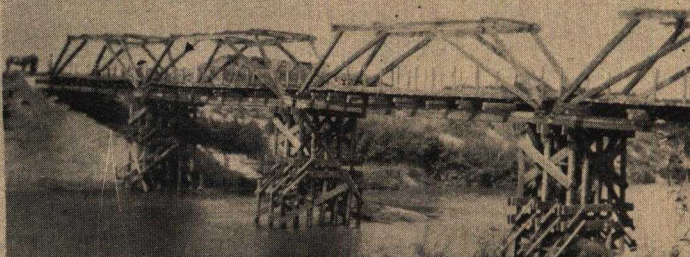
4



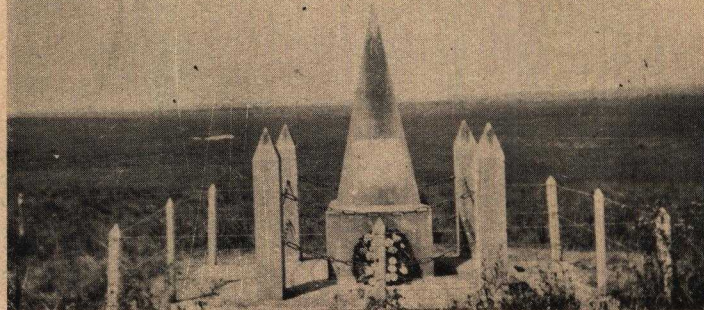
5



6



7



A manobra de 1940, da 3.^a Região Militar, teve a grande virtude de desvanecer a dúvida que, porventura, pudesse ainda existir sobre a possibilidade de insucesso por parte dos serviços encarregados de abastecer a tropa da Região, quer no período de concentração, quer no decurso da manobra ou durante a marcha de regresso das Unidades às suas sedes. Os trabalhos, nesse ponto, correram com tanta regularidade, com tanta presteza e perfeição, dentro dos planos organizados, que encantaram os mais pessimistas. Nenhuma falha se apontou, não só neste como em outros setores das manobras, como ficou claramente evidenciado pelo consenso geral, mercê da onda de entusiasmo e de trabalho intenso que perpassou por todos, quadros e tropa, empolgados pela firme vontade de levar a bom termo os planos elaborados no silêncio fecundo dos gabinetes, pelo Estado Maior Regional, sob a suprema orientação do Exmo. Sr. General Comandante da Região.

A leitura da publicação "Manobra de 1940", que enfeixa em volume os documentos não reservados referentes à manobra, mostra-nos no tocante ao Serviço de Intendência, da mesma forma como o faz para os demais elementos orgânicos da Região, as diretrizes do Comando, que orientaram a sua organização. Por elas vemos que êsse, como os demais Serviços, funcionaram na qualidade de **neutros**, isto é, não entraram no âmbito dos temas estratégicos e táticos, devido ao fato de existir apreciável contraste quanto ao equipamento material e pessoal do Serviço de Subsistências e das Unidades de tropa em relação com o vulto e a amplitude da manobra; apenas, uma vez esta iniciada, funcionaram, segundo a situação apresentada para cada Unidade, os elementos orgânicos (T.C.) destas.

Para assegurar o abastecimento das diversas Unidades, durante a marcha para os pontos de concentração, instalaram-se em locais convenientes, escalonados ao longo dos itinerários previstos, correlatos com os respectivos estacionamentos sucessivos, os **Centros de Reabastecimento**, devidamente provido da **estocagem** calculada dos recursos indispensáveis.

Na zona de manobra foram igualmente instalados **Estações e Centros de Reabastecimento**, providos também dos recursos necessários, capazes de assegurar os fornecimentos quotidianos aos T.C. das Unidades, durante o período da manobra propriamente dita. Na fase do retorno, o provimento às Unidades foi garantido pelos mesmos C. R. orga-

nizados nos itinerários previstos para a marcha de concentração.

Assim, no itinerário da 1.^a D.C., as unidades que marchavam de Itaquí, S. Borja, S. Luiz e Santo Ângelo, tiveram seus provimentos assegurados pelos seguintes órgãos:

ESTAÇÃO DE REAPROVISIONAMENTO N. 1 — Em **Jacaquá**, à qual se subordinava o **Centro de Reabastecimento n. 7**, nessa mesma localidade, ao sul da qual se concentrava a D.C.

EST. REAPROV. N. 2 — Em **Santiago**, à qual se subordinavam os C.R. n. 6 (Faz. Inhacevá), n. 5 (Limoeiro), n. 4 (Santiago), n. 3 (2.^a Residência) e n. 2 (Passo de Santa Maria).

EST. REAPROV. N. 3 — Em **Santo Ângelo**, encarregada de manter o C.R. n. 1 (Ruínas de S. Lourenço).

EST. REAPROV. N. 4 — Em Estação **Conde de Pôrto Alegre**, à qual se subordinavam os C.R. n. 10 (Conde de Porto Alegre) e n. 9 (Passo do Arroio Puitan).

EST. REAPROV. N. 5 — Em Estação **Unistalda**, à qual se subordinava o C.R. n. 8 (sul do Passo Goulart).

As unidades da 2.^a D.C., que marchavam de Uru-guaiana, Alegrete, Quaraí, Livramento e Rosário, para se concentrarem na região da Lagoa **Parové**, foram abastecidas pelas:

EST. REAPROV. N. 1 — Instalada em **Ibirocaí**, encarregada de manter o C.R. n. 1 (Faz. Flores da Cunha).

EST. REAPROV. N. 4 — Instalada em **Guassú-boi**, mantinha o C.R. n. 2 (Faz. Lagreca).

EST. REAPROV. N. 2 — Instalada em **Alegrete**, que se encarregava de manter os C.R. n. 3 (Faz. Aug. Fernandes), n. 5 (Alegrete) e n. 6 (Sucessão Rodrigues).

EST. REAPROV. N. 5 — Instalada em **Rosário** mantendo o C.R. n. 9, na mesma cidade.

EST. REAPROV. N. 6 — Em **Azevedo Sodré**, mantendo o C.R. n. 7, nesta mesma localidade.

EST. REAPROV. N. 7 — Em **Guará**, mantendo o C.R. n. 10, no mesmo local.

EST. REAPROV. N. 8 — Em **Santa Rita** mantendo o C.R. n. 11, na mesma localidade.

EST. REAPROV. N. 3 — Em **S. Simão**, sede da Direção de Manobras.

As unidades pertencentes à 3.^a D.C. que marchavam de Bagé e de D. Pedrito, afim de alcançar a região das Fazendas Santa Rita e Santa Marta,, onde deviam se concentrar, foram abastecidas pelos seguintes órgãos:

EST. REAPROV. N. 1 — Instalada em **Bagé**, mantendo o C.R. n. 1, nesta mesma cidade.

EST. REAPROV. N. 2 — Em **Ibaré**, com o C.R. n. 2, nesta mesma localidade.

EST. REAPROV. N. 3 — Em **Suspiro**, com o C.R. n. 3, também aí mesmo.

EST. REAPROV. N. 4 — Em **S. Gabriel**, mantendo o C.R. n. 4, situado no Pôsto do Marco.

EST. REAPROV. N. 5 — Em **Rosário**, mantendo os C.R. n. 6 (Padilha) e n. 7 (Faz. Ramão Campos).

EST. REAPROV. N. 6 — Em **Azevedo Sodré**, mantendo o C.R. n. 13 (Faz. Hortência Ferreira).

Na zona de manobras, os órgãos de abastecimento foram assim escalonados, consoante as diversas situações a serem alcançadas pelas unidades em movimento a partir do dia D - 1:

EST. REAPROV. N. 1 (Jacaquá) — C.R. n. 1, em Faz. Boa Vista; C. R. n. 2, em Taudelino e C. R. n. 3 a L. de Itapeví.

EST. REAPROV. N. 2 (Alegrete) — C.R. n. 6, ao sul de Lagoa Pavoré.

EST. REAPROV. N. 3 (S. Simão) — C.R. n. 4, em Tapéra; C.R. n. 5, em S. Simão; C.R. n. 7, em João Severo Primo e C.R. n. 8, em Santa Marta.

EST. REAPROV. N. 4 (Côrte) — C.R. n. 11, nos galpões da Coudelaria.

EST. REAPROV. N. 5 (Rosário) — C.R. n. 9, Faz. Tatão Vasconcelos; C.R. n. 10, Faz. Flodoardo; C.R. n. 12, Faz. Brígida Sanger e C.R. n. 14, em Menezes.

EST. REAPROV. N. 6 (Azevedo Sodré) — C.R. n. 13, em Faz. Hortência Ferreira.

EST. REAPROV. N. 7 (Cacequí) — C.R. n. 15, na estância velha de S. Simão.

Os provimentos de carne fresca foram garantidos a todo o efetivo concentrado na região das manobras, por:

Uma T.G. Ex. ao Norte de S. Simão;

Uma T.G. Ex. ao sul de Menezes;

Uma T.G.D. localizada em Taudelino;

Uma T.G.D. junto ao Arroí Jacaquá;

Uma T.G.D. ao sul da Lagoa Parové;

Uma T.G.D. ao norte do Passo da Guarda Velha;

Uma T.G.D. a Oeste de S. Simão;

Uma T.G.D. no Passo da Capela;

Uma T.G.D. na Côrte;

Uma T.G.D. em Figueira;

Uma T.G.D., finalmente, em Remanso.

Instalaram-se **Centros de Matança** em Faz. Boa Vista, Taúdelino, Lagoa Parové, Faz. João Severo Primo, região do Itapeví, em Tapéra, Faz. Santa Marta, São Simão, Coudelaria da Côrte, Faz. Flodoaldo, Estância Velha de S. Simão, Menezes e Brígida Sanger.

A distribuição de água potável foi feita por autos-pipas, na razão de um para cada Grande Unidade e um para a Direção de Manobras. Dispuzeram-se dos seguintes meios:

Em S. Simão

Viatura-filtro de 60 L/H;

Reservatório da Diretoria de Remonta (25.000 L.);

Tender da Viação Férrea (25.000 L.);

Em Rosário

Reservatório da Cia Swift (30.000 l/dia).

Em Côrte

Reservatório desta localidade (25.000 L.).

Em Alegrete

Hidráulica de Alegrete.

*

*

*

Eis, em resumo, o que foi a organização do S. I. durante as manobras.

Para concluir, devemos salientar que, á **tabela de reação** regulamentar, estabelecida para as tropas em manobras foi acrescentado o seguinte ítem: "Em caso de **déficit** verificado entre o valor da ração de praças e o valor da etapa, êsse **déficit** correrá à conta do Crédito de Manobra".

Pois bem. Cumpre-nos informar aquí, que **ÊSSE DISPOSITIVO, ESTABELECIDO MAIS COMO PRECAUÇÃO, NÃO FOI ABSOLUTAMENTE UTILIZADO, PORQUANTO NÃO SE VERIFICOU TAL DÉFICIT**. As despesas correram tôdas dentro dos créditos normais, sendo o Crédito de Manobra, distribuido à Região, exclusivamente empregado de acôrdo com a sua finalidade, isto é, na montagem da manobra, não tendo havido desperdício de qualquer parcela do mesmo, por menor que fosse.

Nos mínimos detalhes, o resultado geral foi magnífico e cheio de úteis ensinamentos.